



Público

09-10-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Política

Dimensão: 731 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 48

## CONSOANTEMUDA

## Acabou-se a sorte



Rui Tavares

Nunca fui adepto de nenhuma das teorias supostamente explicativas da ausência da extrema-direita da nossa política parlamentar. Para alguns era a coesão dos partidos do centro, para outros ainda o tipo de imigração no país, ou a bonomia dos portugueses, ou (com mais plausibilidade) a memória recente do fascismo e do colonialismo. Tudo boas histórias, algumas delas inteligentes. Mas apenas histórias.

Na verdade, a única razão para não termos até aqui tido extrema-direita na AR, escrevi-o várias vezes nesta página, era apenas esta: sorte. Até agora tínhamos tido sorte: os nossos nacional-populistas, fascistas e outros mussolinis de trazer por casa foram sempre demasiado incompetentes, burros, ou evidentemente criminosos para que se lhes fosse dado qualquer crédito. Mas agora apareceu um

fala-barato um bocadinho mais organizado – ou, nas palavras de um dos seus antecessores mais azarados e azedos, “um oportunista levado ao colo pela comunicação social, cheio de dinheiro, com *outdoors* em todo o país”, e eis que a extrema-direita entra no Parlamento português.

Falar de sorte e azar, porém, pode dar uma ideia errada. Convém precisar. De cada vez que eu escrevia que estávamos apenas segurados pela sorte, acrescentava: mas a sorte constrói-se. Agora que a sorte acabou, é altura de dizer: o azar cria-se. E houve em Portugal quem brincasse demasiado com a sorte até que o azar aconteceu. Por outras palavras: há culpados para a primeira eleição da extrema-direita em Portugal. E é importante apontá-los para que o necessário exame de consciência se inicie e o difícil trabalho de pôr o génio ruim de novo dentro da lâmpada se possa fazer.

Pode ser duro dizê-lo, mas o primeiro responsável pela criação do personagem político que a partir de fim do mês vai representar a extrema-direita no parlamento tem nome. Chama-se Pedro Passos Coelho. Foi primeiro-ministro do nosso país e

presidente do PSD. Foi ele quem chamou um então advogado e comentador desportivo para ser candidato do seu partido à Câmara de Loures nas últimas autárquicas. E foi ele que, ao arrepio de todos os valores consagrados nos estatutos do PSD, não retirou a candidatura nem expulsou o candidato do partido quando este começou a obsessivamente fazer declarações racistas sobre os ciganos ou a falar de reintrodução da pena de morte e de todos os outros temas useiros e vezeiros da extrema-direita em qualquer parte do mundo. Os sinais de alarme estavam todos lá – valha a justiça, o CDS viu-os e retirou-se da candidatura que era inicialmente em coligação –, mas Pedro Passos Coelho, casmurro, decidiu ignorá-los. Teria tido toda a base legal, todo o apoio dos órgãos jurisdicionais do seu partido, e toda a validação pelo Tribunal Constitucional, se tivesse tirado o tapete partidário a tal criatura. Infelizmente, também não se pode dizer que entre as figuras gradas do PSD se tenha visto quem tenha exigido que se esmagasse o ovo da serpente antes que ele eclodisse. Essa falta de responsabilidade

democrática por parte de Pedro Passos Coelho e do PSD da época ficará sempre a manchar a história do partido e as carreiras políticas de muita gente, a não ser que façam o necessário ato de contrição e ajudem agora – se é que é possível – a limpar a sujeira.

Em suma, como em muitos outros países da Europa, a culpa pelo nascimento da extrema-direita está na complacência irresponsável do centro-direita. Mas há mais culpados.

Em segundo lugar, teve culpa pela ascensão do comentador-desportivo-tornado-político o canal televisivo que lhe deu guarida, que o apadrinhou e o promoveu. O que terá motivado tal atitude? O afã de procurar audiências pelo escândalo, a vontade de ter influência política, uma qualquer cumplicidade? Ignora-se, mas aí está um assunto a merecer investigação.

E por falar em investigação, aí chegamos a um terceiro nível de responsabilidade: por que raio não houve nunca um apuramento sério, jornalístico ou eventualmente criminal, das muitas inconsistências e evidências suspeitas na candidatura do partido de

extrema-direita e no percurso do seu líder? A mais óbvia tem que ver com a origem do dinheiro para a maciça campanha de *outdoors*, ou cartazes publicitários panorâmicos, que ele conseguiu espalhar pelo país. Esta infeliz falta de interesse investigativo começou ainda antes de o seu partido ser formalizado, quando as centenas de caríssimos *outdoors* promoviam um partido que formalmente não existia. Continuou com o orçamento da sua campanha para as eleições europeias, 500 mil euros, uma barbaridade. E continuou pelas legislativas adentro. De onde vem o dinheiro? Do país, do estrangeiro, de um investidor oculto? Ninguém no mundo jornalístico ou judicial procurou saber. Mas continua a ser importante chegar à verdade, até porque somos nós todos que vamos devolver esses gastos de campanha através dos impostos.

A seguir o exemplo de outros países, o mal está feito. Podemos tentar ignorar o fenómeno, geri-lo ou combatê-lo, mas ele está aí. Houve uns quantos – com nome e responsabilidades – que brincaram com a sorte, e o azar agora é para todos nós.

**Historiador, fundador do Livre**